



Esperidião Amin, por superstição ou religiosidade, sempre que entra num avião beija a medalhinha com a imagem de Nossa Senhora

Candidatos não dão chance ao azar

■ Amin usa medalha, Rocha semente e Quércia não gosta de roupa marrom

DANIELLA SHOLL

“Mandins e patuás também fazem a campanha dos aspirantes à sucessão do presidente Itamar Franco. Os candidatos ao Palácio do Planalto, mesmo agnósticos como o tucano Fernando Henrique Cardoso — que já exibe duas fitinhas do Senhor do Bonfim amarradas ao pulso — aos poucos vão revelando como administram a fé no sobrenatural e fazem suas “simpatias” para atrair sorte, conquistar votos e evitar acidentes, seja de avião ou em lombo de jegue.

Para fazer uma boa campanha,



acreditam os políticos, não basta encarar uma buchada de bode. Há de se ter sorte. Talvez isso explique porque, de uns tempos para cá, Fernando Henrique — que perdeu a eleição para a prefeitura de São Paulo em 1985 depois de dizer que não acreditava em Deus e posar para fotos sentado na cadeira do prefeito — atualmente demonstra alguma devoção pelas crendices populares. O tucano, segundo assessores, deu para insistir em sair pelas mesmas portas pelas quais entra. Mas ele nega: teme parecer ridículo.

Não é o caso do lanterninha da eleição, o potiguar Flávio Rocha, do PL, que há seis meses se submete a uma simpatia que é uma pedra em seu sapato. Ou melhor, uma semente. Rocha coloca dia-

riamente, dentro da meia do pé direito, uma semente de aguai. “Dá sorte. A estrutura interna da semente do aguai é piramidal. Em contato com o corpo, aumenta a aura”, afirma. “Quem tem problemas em órgãos duplos, como o fígado, tem de usar a semente macho e a fêmea. Como não é o meu caso, só uso a macho”, ensina.

Camisa — Em comum, o liberal Flávio Rocha e o pemedebista Orestes Quércia têm o fato de elegerem camisas de listras azuis como suas “roupas da sorte”. A de Quércia veste o ex-governador paulista na foto oficial de campanha e é forte candidata a se transformar em uniforme dos momentos importantes da eleição. “Deverei usá-la nos deba-

tes”, diz. Flávio Rocha anda preocupado com o estado da sua. “Já usei tanto que ela está ficando poida.”

Como o ex-presidente José Sarney — supersticioso a ponto de só entrar num avião depois de consultar seu pai-de-santo —, Quércia detesta a cor marrom. “Não dá sorte. Prefiro azul”, diz. O candidato do PMDB conta que se esforça para evitar as superstições: “Elas criam subordinação.” Mas, por via das dúvidas, só chega aos lugares com o pé direito. Também não dispensa a inseparável medalhinha de São Pedro, de quem é devoto, no bolso. Segura a imagem e diz que reza para seu anjo da guarda toda vez que precisa entrar num avião.